



fisga

PLANETÁRIO

NO CAMINHO DAS ESTRELAS

POR
NUNO GALOPIM

FESTIVAL

Entre estreias e memórias do cinema

A edição 2020 do Lisbon & Sintra Film Festival vai cruzar filmes de diferentes tempos e geografias. Além da secção competitiva, pela qual passam novos filmes de nomes como os de Sharunas Bartas, Paul Vecchiali, Benoît Delépine e Gustave Kervern, Mona Fostvold, Cristi Puiu, Christian Petzold, Alexander Kluge e Khavn De La Cruz e ainda Andrey Konchalovskiy, as novidades passam por sessões que darão a ver em primeira mão "The Human Voice" de Pedro Almodóvar, "Rifkin's Festival" de Woody Allen, "Kajillionaire" de Miranda July, "Siberia" e o documentário "Sportin' Life" de Abel Ferrara, "Falling" de Viggo Mortensen (filme que terá apresentação pelo realizador em videoconferência) ou "Mainstream" de Gia Coppola, neta do realizador Francis Ford Coppola, entre outros. As memórias do cinema passam pelo LEFFEST na forma de homenagens às cinematografias de Paul Thomas Anderson, Clément Cogitore ou Wong Kar Wai, deste último sendo estreadas cópias restauradas de "Chungking Express", "Anjos Caídos", "Felizes Juntos", "Disponível Para Amar" e "2046". Por sua vez, de uma carta branca a Frédéric Bonnaud serão exibidos filmes restaurados da Cinemateca Francesa, entre eles "L'Atalante" de Jean Vigo, "A Idade de Ouro", "Las Hurdes" e "Terra Sem Pão" de Luis Buñuel, "Paparazzi", "Le Parti des Choses" e "Adieu Philippine" de Jacques Rozier, curtas de Jacques Rivette e a série "Parlons Cinéma". Entre as sessões especiais haverá uma noite mexicana com a exibição de "Los Olvidados" (na imagem) de Buñuel e "E a Tua Mãe Também" de Alfonso Cuarón, complementada com apresentação e canções mexicanas cantadas por Salvador Sobral. "Now" de Jim Rakeete surge numa outra sessão seguida de um debate. O LEFFEST inclui ainda filmes de Cecilia Bengolea e Matthew Barney, curtas de Ana Rocha de Sousa e os simpósios "As artes e o público no mundo pós-pandemia" e "Comemorações do 25º aniversário de Sintra — Património Mundial da UNESCO". O festival decorre entre os dias 13 e 22 de novembro, com sessões no Nimas, Tivoli BBVA e no Centro Cultural Olga Cadaval.



"Sem título [Untitled]", n/d, gelatina e sais de prata

FOTOGRAFIA

O olhar da outra câmara de Manoel de Oliveira

A descoberta de uma outra importante frente de trabalho de Manoel de Oliveira é revelada por uma exposição de fotografias de sua autoria que abriu esta semana as portas na Casa do Cinema Manoel de Oliveira, no Porto. Tal como Stanley Kubrick, também Oliveira juntou o olhar sobre a imagem estática a uma obra maior da qual conhecemos sobretudo o cinema. As cerca de cem imagens que podemos ver em "Manoel de Oliveira Fotógrafo" estiveram guardadas e, por isso, longe de olhares durante

longos anos. Parte significativa das fotografias são provas originais da época, outras correspondem a um trabalho de tratamento digital dos negativos, assumindo-se a "diferença entre estes dois tipos de imagens". Muitas delas são inéditas, pelo que a exposição revela obra até aqui desconhecida e que poderá contribuir para compreender também o percurso evolutivo do cinema de Manoel de Oliveira.

O trabalho que agora está em exposição leva-nos essencialmente a

"Sem título [Untitled]", n/d, impressão a jato de tinta a partir de digitalização de positivo / Gelatina e sais de prata sobre papel / 17,7 x 23,7 cm





um período de tempo vivido entre os anos 30 e 50 do século XX, através de imagens que refletem relações “tanto com o pictorialismo como com o construtivismo e com as experiências da Bauhaus”, traduzindo o “mesmo espírito modernista que animou toda a primeira fase” da produção cinematográfica de Oliveira, fixada em títulos como “Douro, Faina Fluvial” (1931), “Hulha Branca” (1932), “Já Se Fabricam Automóveis em Portugal” (1938) ou “Famalicão” (1941). As imagens ajudam a explicar não apenas a decisão, mas também a visão do realizador quando resolveu assumir a direção de fotografia em alguns dos seus filmes, o que aconteceu sobretudo em documentários, muitos deles rodados nos anos 50 e 60. Estas fotos, como explica um texto de apresentação da exposição, permitem ainda “contextualizar, numa perspetiva mais ampla, o rigor de composição e enquadramento que, de uma maneira geral, caracteriza toda a sua obra cinematográfica”. Paisagens rurais e urbanas, olhares sobre arquitetura e máquinas, objetos organizados como naturezas-mortas e ensaios sobre a luz são alguns dos temas mais presentes nas fotografias de Manoel de Oliveira. O gosto e interesse do então jovem realizador pela fotografia deveu muito a uma relação de amizade com o fotógrafo amador António Mendes, figura ligada ao Grémio Português de Fotografia e aos Salões Internacionais de Arte Fotográfica e que operou a câmara nos filmes, todos eles a preto e branco, que Manoel de Oliveira assinou entre “Douro, Faina Fluvial” (cuja produção começou em 1929 e terminou em 1931) e “Aniki-Bóbó” (1942). Algumas das imagens agora apresentadas na exposição relacionam-se, contudo, com projetos não concretizados de filmes para os quais Oliveira viu “os pedidos de financiamento serem sistematicamente recusados”. São disso exemplo as imagens de vindimas que estarão ligadas ao projeto de “Gigantes do Douro” (1934-35), assim como outras, captadas num circo e que datam da mesma época em que escreveu o guião “O Saltimbanco”, ou as de uma jovem morta que estarão na génese de “O Estranho Caso de Angélica”, um filme idealizado no início dos anos 50 mas que Oliveira só chegou a filmar em 2010. A exposição, patente até 18 de abril de 2021, é comissariada por António Preto e vai ser acompanhada pela edição de um catálogo, um ciclo de cinema e um programa complementar de conferências. ●

FLASHES



MÚSICA

Os Divine Comedy lançaram uma caixa com 23 CD e um DVD que recupera a integral dos álbuns do grupo, juntando a cada um deles um disco com faixas extra (maquetes, lados B, versões alternativas, raridades), muitas delas gravações inéditas. Além de todos os álbuns entre “Liberation” (1993) e “Office Politics” (2019), a caixa “Venus, Cupid, Folly and Time – Thirty Years of The Divine Comedy” inclui uma compilação com gravações anteriores a este período, entre as quais estão as faixas de “Fanfare for the Comic Muse”, de 1990. Cada álbum é acompanhado por um booklet com textos do próprio Neil Hannon.

MUSEU

Na reabertura das suas portas ao público, o Museu Guggenheim de Nova Iorque propõe uma exposição com um dos nomes mais profundamente ligados à memória de Peggy Guggenheim e da sua coleção. “Away from the Easel: Jackson Pollock’s Mural” evoca uma obra de grandes dimensões datada de 1943, anterior portanto ao trabalho com uma nova técnica que caracterizaria a pintura de Pollock depois de 1947. Ao mesmo tempo, e ali igualmente patente até setembro de 2021, está uma outra exposição sobre os caminhos que a escultura tomou depois do expressionismo abstrato.



LIVROS

Chegou esta semana às livrarias “O Menir de Ouro”, um álbum ilustrado de Astérix que nasce de um velho livro-disco originalmente lançado em 1967. Com texto de René Goscinny e desenhos de Albert Uderzo, este álbum não deixa de manter a face áudio do original, que estará disponível para escuta online. Ao mesmo tempo, entre as novidades da ASA na área da banda desenhada, há um novo álbum de Lucky Luke (“Um Cowboy no Negócio do Algodão”).

EXPOSIÇÃO

Cordoaria Nacional vai acolher “Rapture” de Ai Weiwei em 2021

O artista e ativista chinês Ai Weiwei vai apresentar uma exposição inédita em Lisboa que, sob o título “Rapture”, estará patente na Cordoaria Nacional entre 4 de junho e 28 de novembro de 2021. A exposição vai incluir no seu percurso alguns dos trabalhos de referência de Ai Weiwei, entre os quais “Snake Ceiling” (2008), instalação na forma de uma serpente feita por uma imensidão de mochilas, criada em memória dos estudantes vitimados pelo terramoto de Sichuan. “Circle of Animals” (2010) é uma série com 12 esculturas de cabeças de animais do zodíaco chinês que faziam parte de um jardim dos tempos da dinastia Qing, a última da história imperial chinesa. “Law of the Journey (Prototype C)” (2016), também a expor em Lisboa, apresenta um barco insuflável com figuras humanas e alude à atual crise dos refugiados. Juntamente com estas peças já celebrizadas, a exposição incluirá obras originais produzidas em Portugal “que exploram técnicas tradicionais revisitadas”. “Rapture”, o termo inglês que dá título à exposição, pode comportar, segundo a organização, leituras que vão desde “o momento transcendente que conecta



a dimensão terrena e a dimensão espiritual” ao “sequestro dos direitos e liberdades de cada um” e ainda à “ligação entre o entusiasmo sensorial com o êxtase”. Para o artista, “Rapture” traduz “estas ideias”, devendo a exposição juntar ecos de “realidade e fantasia”. E aqui a exposição reforça a representação desta faceta “fantástica, mística e espiritual” que por vezes não parece ser tão notada numa obra que, tal como as posições públicas do artista, encontra modos de levar a arte a questionar a sociedade e a política, abordando frequentemente o tema dos direitos humanos.

PHOTO MATON



Momentos da obra de Brian Eno criados para o cinema vão ser reunidos numa compilação a editar a 13 de novembro. Com o título “Film Music 1976-2020” este disco (a lançar em CD e vinil duplo) inclui músicas de filmes como “Duna” de David Lynch, “Heat” de Michael Mann, “Sebastiane” de Derek Jarman ou “Para Além das Nuvens” (na imagem) de Michelangelo Antonioni e Wim Wenders.